

# Capital de risco bateu no fundo em meados de 2009

No final do ano notou-se alguma inversão, mantida no início de 2010



**ALEXANDRA MACHADO**  
amachado@negocios.pt

O ano de 2009 foi difícil em termos de capital de risco, mas no final a tendência começou a inverter. "Em 2009, a indústria bateu no fundo", garantiu, ontem, José Gonzaga Rosa, "partner" da Ernst & Young, no 10º Venture Capital IT - Congresso Internacional de Empreendedorismo e Capital de Risco. Ao **Negócios** salientou que, no primeiro trimestre deste ano, manteve-se essa tendência de reversão iniciada no terceiro trimestre do ano passado.

No entanto, analisando os dados da Europa e dos Estados Unidos da América houve mudanças estruturais. Nas operações de compra de empresas por capitais de risco, a componente de dívida diminuiu. Com as condições de crédito dificultadas, os fundos de "private equity" (vergente de capital de risco mais próxima de fundos de investimentos) tiveram de aumentar a participação em capital. E se em 2007 a percentagem de capital envolvida numa transação era de 33%, em 2009 atingiu os 46%. "Nunca tiveram de aportar tanto capital para as transações", diz o mesmo responsável, explicando, ainda, que nestas operações se passou de um múltiplo dívida/EBITDA de 6,2 vezes (2007) para quatro vezes. O valor mais baixo desde 2004.

Em quase todos os indicadores, os números são baixos. O levantamento de fundos por parte das "private equities" foi o mais baixo desde 2005. Globalmente, a indústria recolheu no mercado 234.860 milhões de dólares, o que compara com 590.314 milhões de dólares em 2008. Em 2009, fecharam-se (significa que se concluiu a dotação) 357 fundos, contra 767 no ano anterior. José Gonzaga Rosa explica que se fecharam menos fundos em mais tempo. Demorou cerca de 18 meses a levantar dinheiro para essas dotações.

176

O valor médio por transação no "private equity" no quarto trimestre de 2009 foi de 176 milhões de dólares.

357

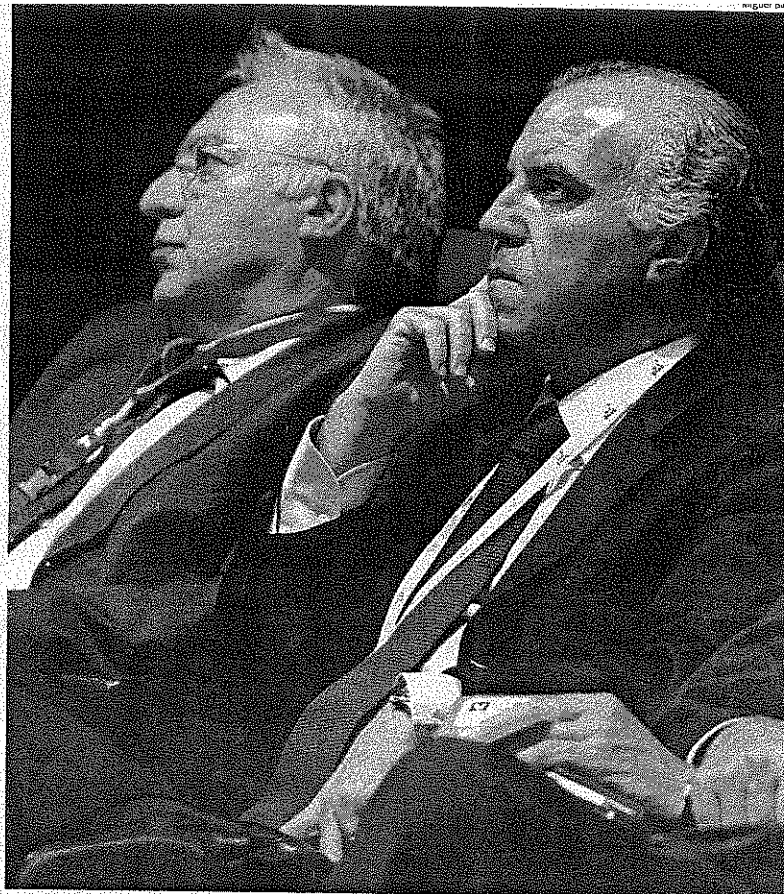
Foram fechados, em termos de dotações, 357 fundos em 2009, o valor mais baixo desde 2005.

Na componente de "venture capital" (mais ligada ao investimento em fases iniciais das empresas), cujo centro da actividade continua nos Estados Unidos da América, os investimentos foram os mais baixos da década. O valor médio das transações na Europa foi de três milhões de euros.

As ciências da saúde e as tecnologias de informação dominaram os investimentos. O responsável da Ernst & Young revelou alguma surpresa pelo facto de os investimentos associados a energias renováveis não estarem nas primeiras posições, mas este factor poderá ser explicado pela necessidade que esta indústria tem de muito capital intensivo.

Apesar do panorama de 2009, este ano a tendência poderá inverter, mas há ainda muitos sinais de incerteza na Zona Euro. Portugal, por seu lado, "é uma economia pequena, desprotegida, sem factores específicos de atractividade". Há que aproveitar nichos e desenvolvê-los.

Há vantagens, neste momento difícil, que podem ser aproveitadas. A queda do euro face ao dólar pode aumentar as exportações e José Gonzaga Rosa garante que já há empresas a notar esse benefício. E, por outro lado, neste momento, quem tem capitais para oferecer partirá em vantagem.



Francisco Banha (à direita) | Presidente da Gesventure tem-se batido pela criação do Ministério do Empreendedorismo.

## Fundos de capitais de risco devem ser monitorizados

Os apoios concedidos pelo Compete aos fundos de capitais de risco devem ser monitorizados trimestralmente, sugeriu ontem Francisco Banha, presidente da Gesventure, organizadora do 10º Venture Capital IT - Congresso Internacional de Empreendedorismo e Capital de Risco, que termina hoje no Tagus-parque, em Oeiras.

Em Agosto do ano passado foram lançados vários concursos, ao abrigo do Compete, para o lançamento de quatro fundos de capital de risco com uma dotação de 123 milhões de euros, que deverão ser operacionalizados este ano. É sobre este "bolo" que será usado nos próximos três anos que Francisco Banha quer que haja seguimento.

Ontem, na sessão de abertura, Francisco Banha propôs, ainda, a monitorização de três em três meses do desempenho das sociedades de capital de risco onde o Estado tem a maioria do capital.

As reivindicações deste especialista em capital de risco não se ficam por aqui. Francisco Banha pede

uma discriminação positiva das "start-ups" (empresas recém criadas) nas compras públicas e a simplificação do processo de encerramento deste tipo das "start-ups" financiadas por capital de risco que não alcancem êxito.

Para determinar os motivos de sucesso e insucesso deste tipo de empresas, Francisco Banha insiste na criação de um Observatório de "Start-ups". Tal como insiste na constituição do Ministério do Empreendedorismo. "Ando há 10 anos a falar nisto". O Ministério serviria para implementar "medidas concretas de apoio àqueles que são os responsáveis pelos novos modelos de negócio tão necessários ao crescimento da economia nacional".

O mesmo responsável falou ainda da necessidade de haver um plano nacional de incubadoras e parques tecnológicos, que hoje estão dispersos e sem integração.

Um conjunto de reivindicações para fomentar o empreendedorismo em Portugal. O debate continua hoje em Oeiras.

**Outra medida essencial traduz-se na simplificação do encerramento das "start-ups" financiadas por capital de risco que não conseguem alcançar o êxito.**

**FRANCISCO BANHA**  
Presidente da Gesventure